

## HAIKAI – UMA EXPERIÊNCIA COM ANÁLISE DE SISTEMAS

Paulo de Tarso Cabrini Júnior\*

**RESUMO:** O presente artigo procura mostrar, por um viés, às vezes, literário, uma experiência conduzida em sala de aula, no IFSP Campos do Jordão. A experiência se dá no contexto de um curso de Análise de Sistemas de Informação. Primeiramente, procuramos demonstrar que a literatura, ou a ficção, é uma necessidade básica do homem, constantemente satisfeita, mas constantemente frustrada, também, quando o homem penetra nos domínios da cultura letrada. Paradoxalmente. Em seguida, colocamos o problema de tratar a literatura de ficção e a poesia, dentro de um curso voltado a questões técnicas e mecânicas, como necessário à fixação dos alcances da língua e como necessário ao conhecimento dos limites da imaginação, o que é fundamental, para todos os profissionais, de quaisquer áreas. Num terceiro momento, explico como inseri o estudo da poesia no contexto da Análise de Sistemas, não propriamente na delimitação dos Sistemas de Informação, mas num sentido geral de “Sistemas”. Cinco poemas são apresentados, como exemplo, e, ao final, demonstro como os alunos lidaram com a análise de um poema, por si mesmos, sem a ajuda do professor.

**PALAVRAS-CHAVE:** Análise de Sistemas. Computação. Literatura. Ciência. Educação.

### Voltando aos bancos escolares

Há muito tempo atrás, ou, digamos, em 1997, estava eu me formando na Universidade Estadual Paulista, campus de Assis, quando me deparei com o problema de não ter lido a maioria dos textos que os mestres nos tinham passado para ler. Um desses textos era “A literatura e a formação do homem”, de Antonio Candido, que, como sumidade, ainda acumulava o fato de ter sido professor daquela Instituição. Meu pecado era, então, muito grave, pois, o texto de Candido era peça “chave” da Instituição onde estudei.

Isso, frequentemente, acontece com os estudantes: dão de barato aos tesouros que os mestres lhes mostram. E saem à procura “daqueles”, que, “realmente”, procuram.

Saí, portanto, em busca de Andre Gide, Marcel Proust, Hemingway e Hermann Hesse. E em busca dos Românticos ingleses. E descobri, assim, a poesia da

---

\* Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo, *Campus* Campos do Jordão. [ptcabrini@ig.com.br](mailto:ptcabrini@ig.com.br)



Esta obra foi licenciada com uma Licença [Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/)

Biblioteca, um santuário, repleto de tesouros inauditos, quase invisíveis, na sua profusão. Lembro-me, particularmente, de um volume de Wordsworth, azul, provavelmente da coleção *Oxford Books* – ou, mais provavelmente, uma edição que lembrava os clássicos livros da Universidade inglesa –, e lembro-me de ter sonhado em lê-lo, aos pés de alguma árvore sombria, que estivesse à nossa disposição, no bosque fechado da universidade. Ou a uma sombra, no meio dos pequenos gramados ao sol do cerrado, onde se fundava, então, uma Inglaterra, pela mera folheada de um livro.

Voltando ao texto de *Candido*: meu pecado não era tão grave, pois, tratava-se de um texto difícil de ser encontrado, nos departamentos de cópias da Universidade. O que facilitou o nosso acesso, recentemente, foi a sua publicação no livro *Textos de intervenção*, organizado por Vinícius Dantas<sup>1</sup>.

Somada à dificuldade de acesso físico ao texto, ainda estava a dificuldade de decifrá-lo, pois trata-se de um ensaio (um discurso, aliás) difícil de ser lido, mesmo para os estudantes de Letras. Efeitos da erudição do autor, à qual um estudante demora a chegar, e que é uma das causas de só lermos o que os mestres nos recomendaram, muito depois da primeira recomendação.

E, de que trata o texto de Antonio Candido?

“Trata do que se quiser”, responderia eu aos meus alunos, basta que escolhamos um ponto de vista para destacar. Por exemplo, o texto fala de Estruturalismo. Fala, também, de Regionalismo. E fala do que mais nos importa, neste momento: a formação humanística do homem.

Pois, “nascer” homem ou mulher não nos garante humanidade. Humanidade é civilização, e cultura. E há uma verdadeira necessidade de ficção, inata ao homem. O que se vê, mesmo entre pessoas identificadas como “cientistas”, ou “de exatas”, que se divertem, por exemplo, criando jogos, enredos, histórias, para *games*.

---

<sup>1</sup> DANTAS, V. *Textos de intervenção*. São Paulo: Duas Cidades; 34, 2002.

Partimos, portanto, deste problema: como inserir a literatura de ficção e a poesia num contexto mais amplo de formação, que as torne parte integrante do currículo de quaisquer cursos superiores, sejam eles de Letras ou de Engenharia Mecatrônica, para o qual, por exemplo, serviriam o estudo de livros de Julio Verne ou de H. G. Wells, se não nos falha o estereótipo dos estudantes desse curso...

Ao ingressar, em fevereiro de 2012, como professor de Comunicação e Expressão, no curso de Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo, em Campos do Jordão, deparei-me com esse problema. Afinal, eu tinha terminado o mestrado e o doutorado em Literatura, e via-me em meio a engenheiros e técnicos que sabiam muito de Informática, e pouco de Literatura. E, note-se que, não digo “nada”, mas, simplesmente, “pouco”, o que é natural... Como já frisei, todos temos a nossa necessidade de ficção; e, de uma forma ou de outra, em adaptações ou restolhos de personagens, sempre temos a literatura à nossa volta, e jamais – jamais – poderemos dizer que não conhecemos “nada” dela...

Pois bem, devo confessar que entrei como professor sem saber absolutamente o que iria fazer. Mas, sabia de uma coisa, com toda a certeza: não deixaria a literatura de lado. Pois, em lição célebre, dizia o Sr. Keating: “Não importa que profissão você siga: Engenharia, Advocacia, todas são profissões nobres e necessárias à sua sobrevivência. Mas, Poesia, e Amor, são coisas ‘para as quais’ estamos vivos.” (cf. *Sociedade dos Poetas Mortos*, filme de 1989, dirigido por Peter Weir).

Os alunos estranharam, é claro: onde estão as aulas de Português Técnico? E as aulas de Inglês Técnico, que também assumi, onde estavam?...

Resolvi o problema do Inglês Técnico, ajudando-os a decifrar Manuais de Instrução, naquela língua. E resolvi o problema do Português Técnico, iniciando-os na leitura do livro *Comunicação em Prosa Moderna*, o clássico de Othon M. Garcia.

Mas, as primeiras aulas, aqueles primeiros dois meses, que gastamos decifrando poemas, de que nos serviram?

É isso que o presente artigo se propõe a explicar, apresentando uma experiência da literatura, vista sob o prisma da Análise de Sistemas.

### **Definição de Sistema e de Análise**

Fui descobrindo, aos poucos, o que eu mesmo queria com aquelas aulas, e fui apresentando aos alunos essa visão de “Literatura como Sistema”, não no sentido que Antonio Candido apresenta em sua célebre obra (*Formação da Literatura Brasileira*, 1958), mas num sentido que tentarei expor aqui.

Começamos por apresentar a definição de “Sistema” que expus aos alunos. Essa definição foi retirada da mais popular enciclopédia moderna, a Wikipédia, e está disponível em <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Sistema>>. Segundo a Wikipédia, Sistema seria: “o conjunto de elementos interconectados, de modo a formar um todo organizado”. A definição, por si mesma, é abrangente a ponto de nos levar dos pequenos sistemas biológicos até os grandes sistemas planetários. Porém, detenhamo-nos na expressão: “um todo organizado”.

Ora, todo texto é “um todo organizado”. E aplicamos, aqui, uma noção de “texto” que tem, como fundamento, a noção de “coerência”, estudada longamente por Ingedore Villaça Koch, em livros populares nos meios universitários. Ou seja: se todo “texto” é um sistema, então, logicamente, todo texto pode ser “analisado” e tomado como Sistema.

Mas, todo “Sistema” é formado por “um conjunto de elementos interconectados”: quais seriam esses elementos, no caso de um texto? Veremos, ainda, em estudos particulares de cada caso, pois, cada “texto” é um caso particular de Sistema, apesar de se constituírem, todos, basicamente, de elementos verbais.

Em seguida à noção de “Sistema”, introduzi os alunos a uma definição de “Análise”, que foi retirada da mesma fonte, citada anteriormente: a definição diz que “Análise” é o “estudo de cada parte do sistema separadamente, a fim de recompô-lo posteriormente”.

Vejamos, agora, como essas definições funcionaram, no estudo dos seguintes textos:

### **Tao Yuanming – Bebendo Vinho**

O primeiro poema a ser analisado, em sala de aula, após as definições de “Sistema” e de “Análise”, foi *Bebendo Vinho*, de Tao Yuanming (365-427).

Expliquemos, em primeiro lugar, porém, que a opção pelo verso, ao invés da prosa, deve-se ao fato de os versos constituírem frases de discurso potencialmente significativas em si mesmas, o que já constitui, por si só, um Sistema, como poderemos demonstrar mais adiante.

Sobre Tao Yuanming, não dissemos nada, aos alunos, na crença de que as circunstâncias biográficas seriam de pouca ajuda na interpretação da peça. Foi feita uma breve leitura de sua biografia, que não pretendeu ser importante para o andamento da análise. O poema em questão foi apresentado à sala, em *datashow*, e segundo a tradução de Gil de Carvalho (1989, p. 57):

Crisântemos no Outono, a mais bela cor.  
Com orvalho ainda - os colho, e faço-os  
Flutuar neste que afoga cuidados:  
- Põe-me bem longe do mundo.  
Encho, sozinho, um copo de vinho,  
Se fica vazio, deita por ele o jarro.  
Põe-se o sol, tudo o que é vivo sossega,  
Aves de volta entram no bosque cantando.  
Assobio na varanda do leste, alegremente:

Encontrei de novo o sentido à vida.

De início, fiz com que os alunos notassem que o poema se divide em três partes: a que vai do primeiro ao quarto versos, e a que vai do sétimo ao décimo, constituindo um “meio” a parte que é constituída pelos quinto e sexto versos. Fiz notar, também, que, após várias leituras, e após uma leitura atenta, foi possível dividir o poema (a “mensagem” do poema) em uma estrutura que poderia ser visualizada assim:

Q1

D

Q2

sendo que Q representa “quartetos” e D, “dístico”.

Além disso, demonstrou-se que D é, ao mesmo tempo, uma “solução” para o problema proposto em Q1, e uma “explicação” do que é narrado, ou exposto, em Q2. Ou seja: além de ser o “meio” “geográfico” do poema, D é também o seu ponto culminante, o seu clímax, o que pode dar razão para uma série de considerações a respeito da noção de “meio” (*zhung*), em chinês, e na literatura chinesa, o que pode dar razão a uma série de visualizações da estrutura semântica do poema, como, por exemplo:

Q1 Q2

D

em que a fonte, aumentada, representa o acréscimo de sentido proporcionado pelo “vinho”.

Sendo assim, o Sistema funcionaria como apresentação de um problema, apresentação de um elemento dissolvente, e solução do problema.

A que estrutura de “algoritmo” poderia ser aparentada tal estrutura poemática? Essa questão só poderia ser respondida pelos meus alunos, o que, veremos, talvez tenham conseguido.

### Escrita a lápis num vagão de mercadorias selado

Por alguma razão, que não nos é explicada em seu fabuloso livro, Stephen Reckert traduz o título do poema de Dan Pagis (1930-1986) como *Escrita a lápis*, e não *Escrito a lápis*, como já encontramos, em outras traduções. Seja como for, talvez isso não altere profundamente a leitura da peça, que, segundo o seu tradutor, “condensa toda a história do sofrimento humano” (RECKERT, 1999, p. 261). Reproduzimos, a seguir, o poema, tal como está apresentado à página 262 da obra de Reckert, e passamos, em seguida, a explorar as suas implicações na Análise de Sistemas.

כָּאֵן בְּמִשְׁלוֹחַ הַיָּהוּ  
אֲנִי חַוָּה  
עִם הַבֵּן הַבְּיָרֵךְ  
אִם תִּרְאוּ אֶת בְּנֵי הַגְּדוֹל  
קִיְוּ בֶן אָדָם  
תִּגִּידוּ לוֹ שְׂאֲנִי

Kan mišloah hazé  
ani Havá  
im Hébel bni  
im tiru et bni hagadol  
Qayín ben Adám  
tegídu lo še ani

Aqui neste carregamento  
eu Eva  
com o meu filho Abel  
Se virem o meu filho mais velho  
Cáim filho de Adão  
digam-lhe que eu

Como se vê, são seis versos curtos, cuja principal característica está na incompletude. A incompletude, aliás, é o que caracteriza os dois tercetos, que visualizamos, assim, na obra:

Aqui neste carregamento  
eu Eva  
com o meu filho Abel

*(não há qualquer solução, ou continuação do que se ia dizer)*

Se virem o meu filho mais velho  
Caim filho de Adão  
digam-lhe que eu

*(da mesma forma, não há qualquer solução do problema proposto)*

Temos, portanto, dois segmentos de três versos, ambos com um “vazio” a seguir.  
A que estrutura algébrica poderia se assemelhar tal construção? Talvez, a isto:

Eva + Abel = ?  
= ?  
Adão + Caim = ?

O poema de Pagis deu razão para uma série de considerações a respeito do silêncio a que o autor nos submete. E nos fez retornar, brevemente, aos primórdios da raça humana, tal como é biblicamente concebida. À história de uma mãe dilacerada pelo fato de seu filho primogênito ter matado o caçula; ou estar a matá-lo, se assumirmos o ponto de vista circunstancial da obra, concebida à época dos campos de concentração nazistas.

Acima de tudo, porém, o que nos chamou mesmo a atenção foi o papel desempenhado pelo “silêncio”, em ambos os tercetos.

Haverá algum Sistema compatível a este, na área de Informática?



Terão, os meus alunos, respondido a essa pergunta? Ou terão se calado, como a pobre mãe, diante do horror?...

### **Sumer is i-cumen in**

O terceiro e último poema a ser considerado, neste primeiro momento de nosso trabalho, é *Sumer is i-cumen in*, da tradição literária inglesa.

Datado de, aproximadamente, 1260, o texto é encontrado, modernamente, grafado em Inglês antigo e em Inglês moderno, para o qual inventamos um glossário, como se vê abaixo:

Sumer is icumen in,  
Lhude sing cuccu!  
Groweþ sed and bloweþ med  
And springþ þe wde nu,  
Sing cuccu!  
Awe bleteþ after lomb,  
Lhouþ after calue cu.  
Bulluc sterteþ, bucke uerteþ,  
Murie sing cuccu!  
Cuccu, cuccu, wel singes þu cuccu;  
Ne swik þu nauer nu.  
Sing cuccu nu. Sing cuccu.  
Sing cuccu. Sing cuccu nu!

Summer has arrived,  
Loudly sing, Cuckoo!  
The seed grows and the meadow blooms  
And the wood springs anew,  
Sing, Cuckoo!  
The ewe bleats after the lamb  
The cow lows after the calf.

The bullock stirs, the stag farts,  
Merrily sing, Cuckoo!  
Cuckoo, cuckoo, well you sing, cuckoo;  
Don't ever you stop now,  
Sing cuckoo now. Sing, Cuckoo.  
Sing Cuckoo. Sing cuckoo now!

Meadow - pasto  
Ewe - ovelha  
Bleats – bale  
Lamb - cordeiro  
Lows - muge  
Calf - bezerro  
Bullock - boi  
Stirs – se move  
Stag - veado  
Farts - peida

O trabalho com esse poema vinha satisfazer, ao mesmo tempo, à minha necessidade de começar a ensinar Inglês para os alunos e à minha necessidade de apresentá-los a uma visão de literatura como algo, não apenas canônico, mas carnavalizado, também, no sentido bakhtiniano da palavra.

O presente poema, medieval, compõe-se de um tema, de um refrão, que, naturalmente, vai-se repetindo ao longo da canção, marcando intervalos entre dois quadros distintos: um quadro vegetal, e outro quadro, animal. Vejamos como esses quadros, e o refrão, poderiam ser visualizados:

Summer has arrived,  
Loudly sing, Cuckoo!

The seed grows and the meadow blooms  
And the wood springs anew,

Sing, Cuckoo!

The ewe bleats after the lamb  
The cow lows after the calf.  
The bullock stirs, the stag farts,

Merrily sing, Cuckoo!  
Cuckoo, cuckoo, well you sing, cuckoo;  
Don't ever you stop now,  
Sing cuckoo now. Sing, Cuckoo.  
Sing Cuckoo. Sing cuckoo now!

Uma das características da lírica medieval está na irregularidade das suas estruturas, salvo a lírica de inspiração provençal, que já anuncia a obsessão ocidental com a regularidade das formas, que será notável, principalmente, durante o Renascimento. Em verdade, a irregularidade estrutural está mais ligada a formas satíricas e “carnavalescas”, apesar de ser encontrada, também, em poemas épicos, como a *Canção de Rolando* e o *Cantar Del Mio Cid*.

Seja como for, o fato é que temos, aqui, de início, a apresentação do refrão: o cuco canta, anunciando o verão. Em seguida, temos o dístico que nos apresenta um quadro da natureza vegetal, representada pelas sementes, pelos prados e pelos bosques, que crescem, florescem e se renovam. Novamente, temos o cuco, anunciando o verão, e segue-se um quadro, dessa vez, animal: a ovelha, a vaca, o boi e o veado, seguidos, ou não, por seus filhotes – e a hilária figura do veado, eliminando seus gases, num verdadeiro apanágio da vida livre. Por fim, temos, novamente, o cuco, anunciando o verão; e que não pare! (*and cease to never now*, como já vimos traduzido).

A que estrutura sintática de programação poderia ser aparentada essa estrutura de poesia?... Digamos que há uma “rotina”, como se diz em Programação de Computadores, e essa “rotina” tem como princípio repetir-se com uma certa

regularidade dentro de toda a rotina maior, que é representada pelo poema. Visualizemos assim:

R1

Dscr1

R1alt1

Dscr2

R1alt2

R1alt3 (no ending)

R1 designa a rotina (o refrão) em sua posição inicial. Dscr1 representa o primeiro quadro, descrito. R1alt1 representa o refrão, em sua primeira alteração. Dscr2 representa o segundo quadro de descrições, que já vem “colado” ao refrão, em sua segunda forma alterada, e que, por sua vez, termina por se emendar a uma forma pretensamente “sem fim” de refrão. Isso fica mais claro quando dispomos do meio musical, para averiguar, já que se trata de uma canção preservada.

Podemos dizer que se pretendeu, aqui, elaborar um jogo (uma rotina) que não tivesse fim? É possível programar algo desse modo?

## **Patos**

Confirma-se, assim, o que dizia Aristóteles: “O todo é maior do que a simples soma das suas partes”. Essa frase, tomada como uma das definições da Holística, é a pura representação do que são, verdadeiramente, os Sistemas: os elementos interconectados não bastam para formá-los. É preciso que o “todo” tenha coerência, que é, de fato, o élan vital de todo Sistema, e que é a sua “alma”. Por isso, aconselhamos que o pensamento de um Analista de Sistemas deva ser o mais abrangente e amplo possível, o que nos faz lembrar as palavras

do narrador de *Cidadela*, de Saint-Exupéry (1948), quando diz: “Para medir bem o talento do meu vizinho, pareceu-me que o melhor não era examinar os fatos, os estados de coisas, as instituições, os objetos, mas exclusivamente as inclinações verificáveis no seu império. Tu, porém, no intuito de examinar o meu império, que fazes? Vais ter com os ferreiros e os encontras forjando os rebites: estão entusiasmados com os rebites e cantam as canções da forja. Vais depois visitar os lenhadores e dás com eles derrubando árvores, todos satisfeitos a verem cair as árvores. A festa do lenhador, que é a do primeiro estalido, quando a majestade da árvore começa a prosternar-se, enche-os de um enorme júbilo. Decides procurar os astrônomos e reparas que nutrem tamanha paixão pelas estrelas, que apenas ouvem o seu silêncio. E, realmente, todos imaginam ser assim. Agora, se eu te perguntar: ‘O que é que se passa no meu império, o que é que nascerá amanhã em minha casa?’, tu me responderás: ‘Forjar-se-ão rebites, deitar-se-ão árvores abaixo, observar-se-ão as estrelas; teremos portanto reservas de rebites, fornecimentos de madeiras e observações de estrelas’. É tão grande a tua miopia, aproximadas tanto o nariz do objeto, que nem reparas que eles estão construindo um navio.

É certo que nenhum deles seria homem para te dizer: ‘Amanhã partiremos para o mar.’ Viviam todos na convicção de servir apenas o seu deus e não dispunham de linguagem apropriada para cantar esse deus dos deuses que é o navio. Porque a fertilidade do navio está em ele se tornar amor dos rebites para o forjador.

Quanto à previsão do futuro, terias ido muito mais longe se houvesse dominado esse conjunto disperso e tomado consciência dessa inclinação para o mar, graças à qual eu dilatei a alma do meu povo. Nessa altura, terias visto esse veleiro – agregado de rebites, de tábuas, de troncos de árvores, governado pelas estrelas – modelar-se lentamente no silêncio e instalar-se à maneira do cedro que sorve os sucos e os sais do cascalho para os estabelecer na luz.”

Perdoar-me-ão por eu ter esquecido em que página está essa citação?... Perdi-a, e não há nada mais difícil do que encontrar as páginas perdidas, neste livro, especificamente.

De qualquer modo, temos, agora, o terreno preparado para introduzir um exercício prático com os alunos de Análise de Sistemas. E esse exercício começa com uma apresentação de nova forma poética, o *haikai*, poema de origem japonesa, que consiste em três versos, e cujo centro nervoso está num *satori*, ou momento de iluminação espiritual e de descoberta da natureza, que poderíamos traduzir, com muita perda semântica, como “surpresa”.

O poema que veremos a seguir foi escrito pelo mais célebre autor japonês desse tipo de poesia, Matsuo Bashô (1644-1694). Da mesma forma que anteriormente, ficaremos a dever as referências bibliográficas dos *haikais* estudados aqui.

No mar escuro  
gritos de patos  
somente brancos

Temos um cenário, plácido, perturbado pelos gritos dos patos. Esse é o momento do *satori*, o instante irrepetível, em que a natureza, incluindo a natureza “espiritual” do observador, é afetada e transmutada.

Esse poema foi apresentado aos meus alunos, que notaram a composição de uma paisagem noturna (*yin*, na terminologia oriental), acordada, ou perturbada, pelo som de animais brancos, cuja cor contrasta com a paisagem anterior (sendo o branco, aqui, indicativo do elemento *yang*, na terminologia oriental). Tentemos, agora, visualizar como esse Sistema funcionaria:

S1

Pert.

S2 (?)

No caso geral dos *haikais*, S1 representa a situação primeira, enquanto “Pert.” designa a “perturbação”, que dá origem imediata a uma situação segunda, que é,

por sua vez, necessariamente, acoplada a um ponto de interrogação, pois não sabemos positivamente “que” situação originada é essa, já que o efeito produzido pela perturbação é silencioso, intransferível, pessoal, e de cada “re”leitor.

Feita a apresentação e o estudo de quatro sistemas poéticos, era hora de testar a capacidade de meus alunos analisarem, sozinhos. Resolvi que eles analisariam, então, um *haikai* de Issa (1763-1827). E esse é o assunto de nosso próximo capítulo.

## **Flores**

Precisamos explicar, de início, porque trabalharmos somente com a lírica breve, ou seja, somente com poemas de três a dez versos. A razão é muito simples: eles permitem uma visualização melhor de como funcionam os Sistemas poéticos. Foi cogitado um trabalho de análise de um soneto, mas os sonetos, em geral, são sistemas demasiadamente complexos e longos, e o autor que elegemos como representante desse tipo de estrutura poética oferecia ainda maior complexidade: Camilo Pessanha (1867-1926). Nesse poeta, porém, poderia ser bem estudada a questão do verso como Sistema de tamanho mínimo, composto por relações intrincadas entre as palavras – relações proporcionadas pelo que Stephen Reckert, algures, chama de microssignificantes, e que cobrem desde os aspectos sonoros até as imagens suscitadas pelas palavras, incluindo, também, o seu aspecto gráfico. Bastaria examinar, por exemplo, o título do livro de Pessanha: *Clepsydra*, onde a letra “y” tem um papel gráfico fundamental, imitando um sorvedouro.

O poema de Issa, que foi proposto aos alunos, foi encontrado em várias traduções. A que ofereci aos alunos dizia assim:

Lua da montanha  
também ilumina  
o ladrão de flores.

Minha primeira providência, como professor, foi encontrar a sua versão original, que estampo a seguir:

山の月  
花盗人を  
照らし給ふ

Logo, parti em busca de quem pudesse me explicar a disposição dos ideogramas e o significado deles. Para decifrar isso, lancei mão da amizade com o Prof. Alexandre Lúcio Sobrinho, profundo conhecedor da cultura japonesa, e lente na Universidade Brás Cubas (Mogi das Cruzes-SP). O professor me explicou que o primeiro verso diz: *yama no tsuki*, sendo que o primeiro ideograma significa “montanha” (que eu, como estudante de Chinês, conhecia como “shan”); o segundo caráter é uma partícula de possessivo, e o terceiro ideograma significa “lua”, que eu conhecia como “üe”. O segundo verso do poema significa, segundo o professor, “ladrão de flores + partícula de objeto direto”. E o terceiro verso significa “ilumina em benefício de”.

Uma contribuição imprevista veio da parte do Sr. Minzei, morador de Campos do Jordão, que me disse: “*Nusubito* não é exatamente ‘ladrão’, mas, talvez, ‘colhedor’, ‘coletor’, ‘colheitador’. Difícil explicar... Todos que retiram algo da natureza, sem pedir, são ladrões. Por isso se usou a palavra ‘ladrão’”.

Essa contribuição, e a explicação do professor Alexandre, nos levou a pensar que uma imagem bela e imprevista é formada pela lua, que ilumina o coletor de flores, em benefício de seu trabalho.

Mas, *nusubito* é, realmente, uma palavra perturbadora: não há como concluir pacificamente a cena, e essa é a virtude do *haikai*, como gênero poético. O que existe é uma “perturbação” da placidez da natureza. E essa “perturbação”, que a acorda, e que nos acorda, é o chamado *satori*. No presente caso, não podemos concluir que o personagem do poema seja um ladrão, no sentido negativo da



palavra; mas, do mesmo modo, não podemos negar que a palavra usada é, exatamente, “ladrão”. Ou seja, essa palavra, de carga semântica negativa, do ponto de vista moral, perturba e é um paradoxo da cena calma que se desenha.

Outros aspectos, apresentados a nós, pelo professor Alexandre, são demasiadamente técnicos, para figurarem aqui. É o caso das rimas visuais, que podem ser encontradas ao percebermos que o último caráter do primeiro verso está, diminuído, e como partícula acoplada, presente no primeiro caráter do terceiro verso, formando a imagem de uma lua, acima, que está presente embaixo, na Terra.

Arriscaremos uma tradução do poema, baseados no fato de que as traduções, em geral, invertem a posição dos ideogramas, o que afeta seriamente o seu sentido, mas que pode ser creditado ao fato de os poemas, em si, serem, virtualmente, intraduzíveis, por serem sistemas meticulosamente montados:

Montanha e lua.  
Flores e o ladrão  
iluminado.

A tradução pretende apenas conservar o aspecto “ideográfico” da letra M, maiúscula, que imita, de fato, uma cadeia de montanhas, e colocar a lua no ponto extremo direito da página, de onde, em movimento descendente e diagonal, “cai” para a terra, em “iluminado”. Essa última palavra, por sua vez, pretende conservar o seu duplo sentido, de “iluminado” materialmente e espiritualmente.

Quanto ao seu aspecto “algébrico”, poderíamos dizer que não se altera, em demasia, o Sistema proposto para todos os *haikais*, mantendo-se uma configuração que pode ser representada por:

S1  
S2

Pert. (S2)

?

em que S1 representa a situação primeira, S2, a situação segunda, e Pert. a perturbação, que se relaciona, diretamente, à situação dois. O efeito imediato é uma incógnita, porque intransferível, de leitor a leitor, como dissemos.

Terá (essa é a nossa constante pergunta), esse sistema, alguma relação com outros Sistemas, dentre aqueles estudados por meus alunos, em seu curso de Programação? É isso o que veremos em seguida.

### **Experiências dos alunos**

Eu não devia me decepcionar se meus alunos me entregassem, ou expusessem, conteúdos por demais humildes, em relação à análise que deveriam fazer. De fato. Por isso, fui à sala de aulas, naquela noite dedicada aos seminários, com um sentimento de haver fracassado em minhas aspirações. Resignado.

Mas, qual não foi minha surpresa! Os seminários foram ótimos, e as análises revelaram pontos que eu não suspeitava, tanto em relação ao poema de Issa, quanto às relações entre poema e Sistema de Programação.

O primeiro ponto a ser lembrado foi a sensação de haver um Romantismo na cena da montanha iluminada e o ladrão de flores. “Romantismo”, aqui, refere-se, tanto à escola literária, quanto ao sentido popular da palavra, relacionada ao amor, à cortesia. Pois esse ladrão de flores poderia estar colhendo flores para a sua amada.

A segunda lembrança que tenho, dos seminários, é o fato de alguns alunos terem apontado alguma semelhança entre os *haikais* e um sistema de programação chamado ERP, sigla para *Enterprise Resource Planning*, ou, Sistemas Integrados de Gestão Empresarial (SIGE ou SIG), que, fui saber depois, tem como ponto

forte “a integração entre módulos” (v. Wikipédia, Sistema integrado de gestão empresarial).

A terceira lembrança que tenho se refere a um lago, tocado por uma folha. Essa cena é a sensação provocada pelos *haikais*, em geral. Lembro-me dessa cena verde, que deve ter sido imaginada.

Lembro-me, também, de um de meus alunos, que disse: “os *haikais* têm algo que ver com os aforismos de Lao Tzu, filósofo taoísta do século VI a.C.”. Lao Tzu é um de meus filósofos favoritos. Estudei-o bastante, quando fiz minha tese de doutorado, e meu aluno tinha razão, pois o *haikai* é um tipo de poesia frequentemente, e apropriadamente, associada ao *zen* budismo, muito forte no Japão. O *zen* budismo, por sua vez, deriva do ramo *ch’an* do budismo chinês, que, por sua vez, é muito influenciado pelo Taoísmo. Ou seja: há uma raiz taoísta para os *haikais*. Isso faz com que a minha cena imaginada, da folha tocando o lago, tenha pleno sentido. Para usar uma frase mais ocidental, lanço mão de Charles Sanders Peirce, pelas mãos de Jacques Hadamard (1865-1963): “O cenário do pensamento inventivo parece ser, desde logo, como queria Peirce, o quali-signo, o ícone em estado genuíno, pura aptidão de similaridade enquanto mera possibilidade ainda não atualizada em um objeto, em nível de primeiridade, portanto. Peirce chega a conceber a ‘qualidade’ ou ‘talidade’ como pura errância, independente do percepto ou da memória, como um mero “poder-ser”, anterior a qualquer corporificação, uma *quality of feeling* ainda não factualizada em ocorrência” (CAMPOS, 1977, p. 88). Por essas palavras, depreende-se que a linguagem tem raízes pré-rationais, nadando num mar de meras possibilidades, que Lao Tzu denominava Tao. À linguagem, e a todos os fatos dos sentidos, mergulhados no mar de possibilidades do Tao, o filósofo denominava “sementes da realidade”. A folha, tocando o lago, é a imagem da semente da realidade saindo de seu estado de “primeiridade”, como diria Peirce, e entrando na Vida.

## Conclusão

Concluimos a nossa apresentação de experiências com a sensação de haver muitas perguntas sem resposta. E, de fato, há, sim, muitas perguntas sem resposta, que fiz, ao longo deste ensaio. Não as revisitarei, agora, mas: como elas poderiam ser respondidas? Eu repetiria, nesta hora, o que Heidegger disse a seus entrevistadores, na célebre entrevista que deu à *Der Spiegel*, em 1966: “Há tempo para saber”. Há perguntas que são feitas para serem respondidas em termo indeterminado. Absolutamente indeterminado. Como sementes que lançamos no Tao.

### HAIKU – An experience made with Systems Analysis Pupils

ABSTRACT: This essay shows, sometimes lyrically, an experience made with Systems Analysis pupils, at IFSP Campos do Jordão. We first try to show that Literature, or Fiction, is a basic human need, which is generally satisfied, but constantly frustrated when we enter the world of higher studies, what constitutes ever a paradox. We show that the study of Literature, Fiction and Poetry is necessary also in technical and mechanical matters' schools, because it deals with the ranges of language and the limits of imagination, which is a basic matter for all professionals, of any area. We demonstrate how we inserted the study of Poetry in a Systems Analysis context, by using five poems, and finally we show how the pupils dealt with a poem analysis by their own, in their own words. The experience proved to be successful, and we are very satisfied with it.

KEY WORDS: Systems Analysis. Computation. Literature. Science. Education.

## Referências

BAKHTIN, Mikhail. *Cultura popular na Idade Média e no Renascimento*. São Paulo/Brasília: Hucitec/Editora Universidade de Brasília, 2008.

CAMPOS, Haroldo de (Org). *Ideograma*. São Paulo: Cultrix/Edusp, 1977.

CARVALHO, Gil de. *Uma antologia de poesia chinesa*. Lisboa: Assírio e Alvim, 1989.

HEIDEGGER, Martin. *Já só um deus pode nos salvar*. Disponível em: <<http://www.martin-heidegger.net/Textos/SPIEGELcomnotas.pdf>>. Acesso em 03 maio 2012.

LAO TZU. *Tao Te King*. São Paulo: Pensamento, [s/d].

PESSANHA, Camilo. *Clepsydra*. Lisboa: Lusitânia, 1920.

RECKERT, Stephen. *Para além das neblinas de novembro*. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1999.

SAINT-Exupéry, Antoine. *Cidadela*. São Paulo: Quadrante, 1969.

**Texto recebido em 03/05/2012**